

LIMA, Cynthia da Silva Lima

Aluna de Pedagogia das Faculdades São José .

Ms. MELLO, Leila. Mara

Mestre em Ciência da Motricidade Humana, docente da rede municipal de educação e das Faculdades São José.

RESUMO

A música enfoca aspectos históricos e atende diferentes aspectos do desenvolvimento humano, como o social, espiritual, físico, mental e emocional, portanto, atualmente, é considerado um agente facilitador ao processo da aprendizagem. Entretanto, verifica-se que a música, ainda, não é considerada, por alguns docentes, mesmo sendo exigida pela LDBN 9394/96, por ser considerada um eixo facilitador de aprendizagem e de desenvolvimento global da criança.

Palavras-Chave: MÚSICA, PROCESSO DE APRENDIZAGEM, PRÁTICA DOCENTE

ABSTRACT

Music focus historical aspects and serves different aspects of human development , as the social one, the spiritual one, the physical one , the mental one and the emotional one, thus is considered nowadays a facilitator agent for the learning process. However, it is observed that music it is not still considered, by some educationalists as an important tool, although it is required by the LDBN 9394/96, since it is considered a facilitator link of learning and global development of a child.

Keywords: MUSIC, LEARNING PROCESS, EDUCATIONALIST PRACTICE

INTRODUÇÃO

Todos nós já sabemos que aprendizagem quando acontece, a partir das vivências do aluno, se torna bem mais prazerosa e com grande possibilidade de sucesso.

Sendo assim, recorrer à Arte é fundamental, porque segundo a proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a Arte tem uma função tão importante quanto à dos outros conhecimentos no processo ensino e aprendizagem.

A educação a partir da Arte além de criar um desenvolvimento artístico e a percepção estética, acaba ordenando, no seu próprio modo, o sentido da experiência humana, porque auxilia desenvolver a sensibilidade, imaginação e percepção, de forma que o indivíduo perceba a sua forma artística junto a outras pessoas de diferentes culturas. Assim, através desse ensinamento, favorece-se também ao indivíduo relacionar-se criadoramente com demais disciplinas do currículo, em sua vida escolar.

Sendo assim, quando se opta por uma metodologia que introduz a música, a chance do aluno aprender é muito maior. Tanto que Barreto e Chiarelli (2011, p.1) assim expressam:

a musicalização pode contribuir com a aprendizagem, evoluindo o desenvolvimento social, afetivo, cognitivo, linguístico e psicomotor da criança. A música não só fornece uma experiência estética, mas também facilita o processo de aprendizagem, como instrumento para tornar a escola um lugar mais alegre e receptivo, até mesmo porque a música é um bem cultural e faz com que o aluno se torne mais crítico.

Verifica-se que a musicalização tem a intenção de tornar o indivíduo sensível e receptivo ao fenômeno sonoro. Em grande parte, ela se inicia no lar, com ferramentas que auxiliam a criança a descobrir sons do universo, como: discos, canções, gravuras relacionadas, instrumentos etc.

Para Bréscia (apud Barreto; Chiarelli, 2011, p.3),

a musicalização é um processo de construção do conhecimento, que desperta e desenvolve o gosto musical, onde, favorece o desenvolvimento da sensibilidade, senso- rítmico, do respeito ao próximo, do prazer de ouvir música, a afetividade, memória, criatividade, autodisciplina, concentração, imaginação, socialização e atenção, onde também é construído uma movimentação e uma consciência corporal.

O PCNs Arte (1997) informa que ao conhecer a arte, o aluno tem uma visão ampla ao estudar um determinado período histórico. E mais, um aluno que exercita continuamente sua imaginação, estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático. De acordo com Weigel (2000), o objetivo central da educação musical é levar ao aluno o desenvolvimento de várias instâncias, como: socialização, alfabetização, capacidade inventiva, expressividade, coordenação motora, percepção sonora, percepção espacial, raciocínio lógico e matemático, estética entre outros.

Nesse caminho, pode-se afirmar que a arte não é somente um campo diferenciado de atividade social, mas também um modo de praticar a cultura, de trabalhar o sensível e o imaginário, alcançar o prazer e desenvolver a identidade simbólica de um povo, em função de uma prática teórica transformadora.

Como o PCN Arte (op.cit.) aponta, a história do ensino de arte no Brasil, é observado pela integração de diferentes orientações quanto às finalidades, à formação e atuação dos professores, às políticas educacionais e aos enfoques filosóficos pedagógicos, estéticos e à formação e atuação dos professores. Como, por exemplo, o projeto Villa Lobos que obteve dificuldades práticas na orientação de professores e transformou a aula de música em uma teoria musical, baseando-se nos aspectos matemáticos e visuais do código musical com memorização de peças orfeônicas, que na época, eram de caráter folclórico, cívico e de exaltação. E mais,

em Música, a tendência tradicionalista teve seu representante máximo no Canto Orfeônico, projeto preparado pelo compositor Heitor Villa-Lobos, na década de 30. Esse projeto constitui referência importante por ter pretendido levar a linguagem musical de maneira consistente e sistemática a todo o País (BRASIL, 1997, p.5).

A vivência rítmica e musical beneficia uma participação ativa da criança durante o processo da aprendizagem, porque possibilita a criança ouvir, tocar, enfim favorece o desenvolvimento de todos os seus sentidos (SKALSI, 2010).

É preciso que os docentes explorem os sons, a fim de que as crianças ouçam com mais atenção e possam analisar e compará-los, pela sua capacidade auditiva, concentração, a atenção e pela capacidade de análise e seleção de sons.

Outro ponto a destacar é de que o vocabulário musical, como exige pronuncia correta das letras da canção ou a conversa sobre os conteúdos das cantigas de roda, propicia o desenvolvimento da linguagem oral. A partir das experiências musicais, verifica-se que o pensamento da criança se organiza e a leva ter mais oportunidades de ações e sensações, e mais, desenvolve mais sua inteligência, conseqüentemente mais o conhecimento.

Snyder (apud BARRETO;CHIARELLI, 2011, p.5) comenta que

a música torna o ambiente escolar mais alegre e favorável à aprendizagem por propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente. Propiciando uma atmosfera escolar mais receptiva para os alunos, dando um efeito calmante após a atividade física fazendo também que reduza atenção em momentos de avaliação, podendo utilizar músicas como recursos de aprendizado em diversas disciplinas. As atividades musicais realizadas na escola visam a vivencia e compreensão da linguagem musical, propiciar a abertura de mais sensoriais, ampliando a cultura geral, facilitando a expressão de emoções e contribuindo para a formação integral do ser.

Muitos estudos científicos mostram que a música torna-se uma espécie de calmante para as pessoas que convivem num ambiente hospitalar, tanto para os funcionários quanto para os pacientes. Sem contar que o canto é um excelente exercício para a respiração, relaxamento e descontração.

A arte de cantar também traz bons benefícios na aprendizagem da criança além de fazer uma descoberta de mundo, aprendem lidar com a agressividade.

Barreto e Chiarelli (2011) informam que a música é uma atividade que serve de estímulo para crianças com deficiência e com dificuldades de aprendizado, isto porque, as crianças com deficiências e os autista têm facilidade de reagir com a música, que torna o ambiente escolar mais agradável e relaxante para superar as dificuldades de aprendizado.

Acredita-se que a musicalização, durante o processo de aprendizagem facilita o educador a dar mais liberdade aos alunos de se expressarem. Entretanto, nem todas as escolas engajam essa disciplina em seu currículo escolar, mesmo sabendo que, a partir da LDBN de nº 9394 (Brasil, 1996) essa disciplina é obrigatória em todas as escolas públicas e particulares.

DESENVOLVIMENTO

Uma das formas de preservar as raízes culturais é pela promoção de práticas educativas à luz da vivência musical, porque o ensino da música auxilia aos alunos conhecer e interagir com diversos estilos musicais, o que lhes possibilitam interagir com a diversidade da cultura nacional. Entretanto, como cada cultura possui suas concepções musicais, o seu estilo, suas abordagens e suas concepções musicais se tornam únicos.

A música, ao longo da história, sempre “desempenhou, um importante papel no desenvolvimento do ser humano, seja no aspecto religioso, moral e social, o que contribuiu para a aquisição de hábitos e valores indispensáveis ao exercício de sua cidadania” (LOUREIRO, 2011, p. 5).

Segundo Loureiro (op.cit.) a palavra música é de origem grega – musiké téchne, a arte das musas – e, basicamente, “se constitui de uma sucessão de sons, entremeados por curtos períodos de silêncio, organizada ao longo de um determinado tempo” (p. 3).

Vários autores apontam que a música existe desde a pré-história, cerca de 60.000 a.C., porém seu desenvolvimento, segundo consta na Wikipédia (2011, p. 1), se deu apenas

[...] através do estudo de sítios arqueológicos [...] nos primeiros grupos humanos. A arte rupestre encontrada em cavernas dá uma vaga idéia desse desenvolvimento ao apresentar figuras que parecem cantar, dançar ou tocar instrumentos. Fragmentos do que parecem ser instrumentos musicais oferecem novas pistas para completar esse cenário. No entanto, toda a cronologia do desenvolvimento musical não pode ser definida com precisão. É impossível, por exemplo, precisar se a música vocal surgiu antes ou depois das batidas com bastões ou percussões corporais. Mas podemos especular, a partir dos desenvolvimentos cognitivos ou da habilidade de manipular materiais, sobre algumas das possíveis evoluções na música.

Ao pensar na música aliada à educação formal é vital que se faça um percurso até a Grécia, por volta do século VI a.C., aproximadamente, isto porque, a música para os gregos era a forma que eles encontravam para alcançar a perfeição, ao atribuírem sua música para os deuses. Assim, os gregos tornam a música como uma arte, uma forma de pensar e de ser.

Segundo o site edukbr.com.br (2011, p.11),

Os gregos usavam as letras do alfabeto para representar notas musicais. Agrupavam essas notas em tetracordes (sucessão de quatro sons). Combinando esses tetracordes de várias maneiras, os gregos criaram grupos de notas chamados modos. Os modos foram os predecessores das escalas diatônicas maiores e menores. Os pensadores gregos construíram teorias musicais mais elaboradas do que qualquer outro povo da Antiguidade. Pitágoras, um grego que viveu no século VI a.C., achava que a Música e a Matemática poderiam fornecer a chave para os segredos do mundo. Acreditava que os planetas produziam diferentes tonalidades harmônicas e que o próprio universo cantava. Essa crença demonstra a importância da música no culto grego, assim como na dança e nas tragédias.

Mais tarde, as ideias de Pitágoras, influenciadas pela doutrina de Platão, perceberam o homem dicotômico – alma e corpo. Dessa forma, considera que é pela música, ao penetrar no espírito da pessoa, pelo ritmo e pela harmonia, desenvolve a forma dela distinguir o belo do feio. A música então passa ser ensinada, de forma leve e agradável, em todas as disciplinas, de acordo com faixa etária de seus alunos. Seus ensinamentos se davam a partir dos sete anos, através de canções (berceuses), para que, em seguida, aprendessem hinos guerreiros e religiosos.

Para os pré-adolescentes, entre quatorze e dezesseis anos, aconselhado por Platão, somente se ensinavam dois estilos musicais. O primeiro, por músicas que direcionassem a violência, ligada às guerras, e a segunda, músicas mais lentas, relacionadas com a Igreja, preces e concentração. “Depois dos 16 anos, até o resto de suas vidas, os indivíduos continuariam a frequentar apenas os cantos corais e os jogos comunais” (LOUREIRO, 2011, p. 38).

Em um segundo nível, a educação musical, que se dava dos vinte aos trinta anos, tornou-se um momento de discussões literárias, abrindo espaços para um amplo estudo de assuntos gerais, tudo isso sobre a influência dos filósofos (MACEDO, 2011).

Quando o indivíduo chegava ao terceiro nível de educação, a música se estendia por mais cinco anos, na intenção de levar o aluno à arte do diálogo, até demonstrar uma educação mais avançada, pela filosofia ou pelo militarismo.

Mais tarde, de acordo com Loureiro (2011, p. 39),

com a invasão do Império Romano no mundo grego este quadro se altera, pois a “sensibilidade”, as emoções e o sentimento de humanidade, características dos gregos, não se adequavam à formação dos soldados romanos, que eram educados para serem duros, rígidos, disciplinados e severos. O povo romano foi, por natureza, guerreiro e rude. Por muito tempo, seus ideais e propósitos restringiam-se à conquista do mundo e ao domínio dos povos conquistados. Entretanto, sob a influência grega, as artes e as letras começaram a florescer em Roma.

Verifica-se que, durante a Idade Média, recupera-se a linguagem e os sentimentos humanos, estabelecidos pela música, ocorrendo assim, uma união da melodia com as primeiras manifestações polifônicas, ou seja, a oportunidade de se cantar em uma ou mais vozes, em uma mesma canção. Esse lado polifônico religioso, mesmo a Igreja indo contra, é que dá origem aos poetas líricos da corte, pelos músicos que trazem com eles canções com acompanhamento musical, falando de sentimentos, saudades, guerras, dando assim, a origem da música popular.

Com a Reforma Protestante, liderada por Lutero, se inicia a história do humanismo, na qual o homem carece ter responsabilidade pela sua própria fé, cuja Bíblia é base para sua sabedoria. Nesse feito, criam-se escolas pautadas na catequese protestante, na intenção de repassar a sua doutrina, frente às escolas dos jesuítas. Entretanto, a formação do bom cristão, em ambas as escolas, se deu à luz da educação musical, por considerarem esse recurso, infalível na escolarização da juventude europeia.

Pestalozzi e Fröbel iniciam assim um movimento de oposição à tradição secular, dominante no ensino da música, que se concretiza no século XX, com os trabalhos de Orff, Dalcroze, Kodaly, Willems, Gainza, Martenot, Schafer. Esses autores, tomando como base as idéias de Pestalozzi e Froebel, propõem uma nova metodologia para o ensino da música, onde o fazer musical, a exploração sonora, a expressão corporal, o escutar e perceber consciente, o ato de improvisar e criar, a troca de sentimentos, a vivência pessoal e a experiência social oportunizariam a experiência concreta antes da formação de conceitos abstratos (LOUREIRO, 2011, p. 43).

As propostas metodológicas modificam os tradicionais conservatórios de música, com objetivo de modernizar a maneira de musicalizar as crianças. Tais propostas encontraram “espaço, no Brasil, nos centros alternativos para o ensino da iniciação musical, criados sob os auspícios de Liddy Chiaffarelli e Antônio Sá Pereira, em final da década de 30” (LOUREIRO, 2011, p. 43).

Com a chegada dos jesuítas no Brasil, em 1549, o ensino da música passou ser utilizado no processo de colonização, como uma das armas para propagarem sua doutrina junto aos índios. Isto porque,

[...] em função da forte ligação dos indígenas com essa manifestação artística. Eram eles músicos natos que, em harmonia com a natureza, cantavam e dançavam em louvor aos deuses, durante a caça e a pesca, em comemoração a nascimento, casamento, morte, ou festejando vitórias alcançadas (LOUREIRO, 2011, p. 44).

Dessa forma, a música torna-se catequese de tão grande importância, que fez com que ela começasse fazer parte do currículo das escolas de ler e de escrever (LOUREIRO, 2011).

Nesse contexto, os jesuítas utilizaram a cartilha musical, para iniciar as suas aulas, porém em um modelo, baseado na sociedade européia, ou seja, equivalente à educação humanista.

Mais tarde, criam-se instituições, em nível de internato, para que os jesuítas pudessem controlar, de forma rigorosa, os seus alunos. Nessa época, o estudo se dá pelo canto, porque a partir dele, os jesuítas tentavam cativar seus alunos e fortalecer sua fé.

Com a expulsão dos jesuítas, em 1759, surgem novas escolas, iniciam-se, lentamente, algumas mudanças no sistema escolar brasileiro. No entanto, a educação segue a tradição jesuítica, evidenciada pelo canto gregoriano, porém pautada nas canções dos índios, dos negros, portugueses e espanhóis.

A consideração pela música dos negros se deu porque

a música brasileira sofreu [...] influência dos negros. [...] como escravos, os negros trouxeram consigo instrumentos de percussão, como o Ganzá, a Cuíca, o Atabaque, porém cantavam e dançavam embebidos pelos sons e ritmos de sua pátria distante (LOUREIRO, op.cit, p. 47).

No decorrer do século XVIII, cria-se, no Rio de Janeiro, uma escola de música, frequentada pelos filhos de escravos. Nesta escola saíram artistas musicais natos. Assim, pela mistura de dança, ritmo, palavras e instrumentos de percussão, surgem o samba - dança da cultura africana -, cuja concentração vinha das favelas do Rio de Janeiro entre outras tendências musicais.

O brasileiro sempre deu para a música. Gostou sempre de tocar, de dançar, de cantar. É natural que, desde cedo, a música se tivesse cultivado entre nós. Sambava-se ao tam-tam dos atabaques nas senzalas, e nas casas grandes, ouvia-se a viola e depois o cravo. Na Igreja, é que se cultivava música com mais apuro, porque os padres a sabiam melhor (BAUAB apud LOUREIRO, op.cit, p.47).

Ainda no período colonial, a música brasileira começa perder força, descobre-se uma nova cultura, devido à descoberta de ouro e pedras preciosas, em Minas Gerais, favorecendo-se uma nova cultura, para a vida musical brasileira. Os músicos dessa região, com conhecimentos europeus, demonstram habilidades para comporem melodias, fazendo de Minas uma importante sede para a música colonial.

Com a chegada da família real ao Brasil, em 1808, é construída a Capela Real, composta por uma orquestra de música erudita, com cento e cinquenta integrantes, divididos entre o vocal e os instrumentistas, em que cantavam e tocavam músicas populares (LOUREIRO, 2011).

Em 1835, em Niterói, funda-se a primeira escola de formação normal, cujo currículo tornou-se diversificado, porém a educação musical estava presente. Entre os anos de 1891 a 1893, apesar das críticas, a música se manteve presente nos educandários, exercendo hábitos sociais e participação em cultos religiosos. Tanto que ela se fez presente, até no Colégio Pedro II, modelo de ensino secundário, da classe dominante (LOUREIRO, op.cit.).

Consequentemente,

a importância atribuída à música na educação da classe dominante fez com que fosse fundado, em 1841, o Conservatório Musical do Rio de Janeiro, a primeira grande escola de música do Brasil, hoje Escola de Música da UFRJ. Segundo Mariz (apud Loureiro, 2011), "o projeto foi aprovado em 1841, mas tardou a ser posto em prática por falta de fundos. Foram feitas duas loterias e só em 1848 é que foi possível o início das aulas, com seis professores" (LOUREIRO, 2011, p. 51).

O conservatório passou a fazer parte da escola Nacional de Belas Artes, mas, mais tarde, se tornou autônomo, "passando a chamar-se Instituto e, hoje, Escola de Música, subordinado à Universidade Federal do Rio de Janeiro" (op.cit., p.51).

Em 1889, com a Proclamação da República, foram modificados os planos políticos, cultural, econômico e social, marcando assim uma nova fase no ensino das artes, porém pautados nos ensinamentos europeus. O ensino musical, no Instituto Nacional de Música e no Imperial Conservatório de Música, baseava-se em preparar seus alunos ao ensinamento específicos de atuar no teatro e na Igreja (LOUREIRO, op.cit.).

De acordo com Freire (apud Loureiro, 2011, p.52):

seu currículo original constava das seguintes disciplinas: rudimentos preparatórios e solfejos; canto para o sexo masculino; rudimentos e canto para o sexo feminino; instrumentos de corda; instrumentos de sopro; harmonia e composição. Este elenco de disciplinas remetia, clara e objetivamente, aos objetivos propostos – à capacitação técnica de artistas para suprirem as exigências do Culto e do Teatro.

Averigua-se que a educação musical, durante um bom tempo, não foi tão presente no sistema escolar brasileiro, segundo Loureiro (2011), se deu pela ausência de identidade dessa disciplina nos currículos. Assim,

a busca de superação da pedagogia tecnicista, que orientava a educação brasileira naquele período e a atual preocupação em formar indivíduos plásticos e criativos, capazes de enfrentar os desafios da era globalizada, criaram possibilidades para sua reinserção nos currículos da escola fundamental. Trata-se, entretanto, de um processo complexo, pois envolve desde o seu reconhecimento enquanto disciplina escolar, até medidas de caráter prático, visando garantir sua implementação nas unidades de ensino (p.108).

A partir de 1973, os cursos de Arte e Educação foram implantados nas universidades, com um novo currículo básico, em todo país, porém, somente, nos anos 80 o curso de Arte na Educação dá início à conscientização, de formar profissional, através da mobilização de professores de Artes, tanto em nível formal quanto informal.

Os educadores de Arte conquistam seu lugar, na promoção do currículo educacional, pressionado por determinados deputados que estavam no comando da nova constituição.

A Constituição da Nova República de 1988 menciona cinco vezes as artes no que se refere à proteção de obras, liberdade de expressão e identidade nacional.

Na Seção sobre educação, artigo 206, parágrafo II, a Constituição determina: O ensino tomará lugar sobre os seguintes princípios (...). II — liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e disseminar pensamento, arte e conhecimento (Barbosa, 2011, p. 4).

Atualmente, há uma sequência de palavras que expressa o significado de música, de certo modo que chega a ser consideradas ciência e arte, devido à sua prática social e humana (BARRETO; CHIARELLI, 2011). Dessa forma, a música foi incluída no cotidiano escolar, após a obrigatoriedade do ensino da Arte, apontada pela Lei de Diretrizes e Bases Nacionais de nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, tanto que no § 2o do artigo 26 fica promulgado que “a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata a sua inclusão, pela Lei nº 10.769, de 2008”.

Nesse contexto, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (BRASIL, 1997) fica firmado que o ensino da Arte

volta-se para o desenvolvimento natural da criança, centrado no respeito às suas necessidades e aspirações, valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo. As práticas pedagógicas, que eram diretivas, com ênfase na repetição de modelos e no professor, são redimensionadas, deslocando-se a ênfase para os processos de desenvolvimento do aluno e sua criação (p.18).

Em suma, verifica-se assim, algumas mudanças de forma sistematizada ao se pensar em Arte, porém uma efetiva transformação só se dará pelas ações das práticas pedagógicas.

CONCLUSÃO

A formação de professores precisa se caracterizar pelo novo conceito de instrução, em que o professor, dentro da sala de aula, necessita levar o aluno a aprender as coisas novas, a fim de que ele se torne competente para aplicá-las, em seu dia a dia. Para que isso ocorra, é fundamental que o docente leve ao aluno o aprender conceitos novos, pela participação, pelo interesse diante às atividades apresentadas.

É fundamental que a música seja incluída como atividade vital ao desenvolvimento da criança, porque ela proporciona à criança se movimentar, se socializar, criar o hábito de respeito mútuo, o espírito de criatividade e de solidariedade e a compreensão de conviver com os conflitos mais facilmente, pois “quanto mais se mova a criança, quanto mais tem chance de fazer experiências sensoriais no ambiente, tanto mais se desenvolvem as suas células cerebrais e a sua inteligência” (BELOTTI apud Mello, 2011, p.5).

A música faz com que a criança expresse suas emoções de forma silenciosa sem recorrer às palavras, e mais “a música faz bem para a autoestima do estudante, já que alimenta a criação” (REGINA apud BERNARDINO; COSTA; QUEEN, 2011, p.1). Nesse processo, o ensino de música precisa se processar pelas danças e pelos ritmos, proporcionando as crianças chances delas se expressarem pelo movimento do corpo.

Mello (2011) informa que toda criança ao tomar consciência de seu corpo, em interação com os objetos e com o outro, através da exploração do meio social, temporal e espacial, se desenvolverá, não apenas, cognitivamente, mas também, biopsicologicamente, expressando sua forma de ser, sentir, agir e pensar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) não especificam os conteúdos de música que carecem ser trabalhados, na sala de aula, porém apontam ao docente que ele tenha flexibilidade, priorizando, então, a realidade trazida pelos próprios alunos, e mais, “o ensino de música deve envolver o capital simbólico e cultural da região da escola. Deve-se trabalhar com uma perspectiva antropológica, envolvendo os pais, os alunos e contexto sócio-cultural” (KLEBER apud BERNARDINO; COSTA; QUEEN, 2011, p.1)

Verifica-se que, é primordial para a educação musical que o professor seja um profissional licenciado na área, para que se tenha uma aula com qualidade, entretanto, caso o professor não tenha essa formação, poderá “usar a música em suas aulas, mas não tem condição de dar aula de música” (BASSI apud BERNARDINO; COSTA; QUEEN, op.cit., p.1).

Mesmo com uma grande procura, devido ao sucesso da musicalidade nas escolas, ainda há uma grande dificuldade de se encontrar professores formados em música no Brasil, o que ocasiona danos às instituições de ensino, para cumprir a LDBN 9394/96 que obriga, a partir de 2012, a inserção da música nos currículos escolares.

Lima (2011) informa que o educador ao trabalhar com a música consegue alcançar seus objetivos, pela exploração e pelo respeito ao ritmo de desenvolvimento de cada aluno, porque ele “[...] com a educação musical cresce emocionalmente, afetivamente e cognitivamente, desenvolve coordenação motora, acuidade visual e auditiva, bem como memória e atenção, e ainda criatividade e capacidade de comunicação” (p.2).

Dessa forma, é imperativo que as escolas desenvolvam um planejamento que envolva os conteúdos de música, de acordo com o nível escolar do aluno, na intenção de facilitar o entendimento dos conteúdos, porque, segundo Lima (2011, p. 3) “cantando, a gente brinca, brincando eles aprendem” (p. 3). Assim, pode-se aferir que a música torna-se valiosa, desde que seja utilizada de forma certa para o conteúdo certo, a fim de gerarem uma aprendizagem divertida para o aluno.

A música é um excelente recurso para o docente treinar a leitura, porque a musicalidade movimenta os seres humanos, de forma global, tanto que os mais tímidos muitas vezes se tornam participativos, começam a se expressar com menos inibição nas aulas. Entretanto, “toda e qualquer música cantada na sala de aula deve buscar um espaço para evocar, pensar, criar meios próprios de expressão, para representar o movimento interior de compreensão de situações vivenciadas” (LIMA, op.cit., p.3).

Nessa esteira, cabe ao docente integrar a música aos conteúdos, de forma agradável, em acordo comum com os alunos, porém não se esquecendo de trabalhar com vários estilos musicais.

Em suma, cabem aos docentes ter consciência de que os fundamentos, os objetivos e as suas práticas só serão importantes para o meio educativo, quando forem ampliados na intenção de formar cidadãos críticos e reflexivos dessa sociedade. Sendo assim, aponta-se o quanto as atividades pela musicalização favorecem a criança desenvolver globalmente, devido ao seu caráter lúdico, por ser de livre expressão, não apresentar pressões e nem cobranças de resultados, mas, sim uma forma de aliviar e relaxar a criança, auxiliando na desinibição, contribuindo para o seu envolvimento social, despertando noções de respeito pelo outro e abrindo espaço para outras aprendizagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional: nº 9396. Sancionada pelo Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em 20 de dezembro de 1996.

_____. Lei de diretrizes e bases da educação: no. 9394. Sancionada pelo Presidente Luis Inácio Lula da Silva em Brasília, 18 de agosto de 2008.

_____. Parâmetros curriculares nacionais: Arte. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

WEBGRÁFICA

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ea/v3n7a10.pdf. Acesso em: 03 de abril de 2011.

BARRETO, Sidirley de Jesus; CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. Disponível em: <http://www.iacat.com/revista/recreate/recreate03/musicoterapia.htm>. Acesso em: 22 de março de 2011.

BERNARDINO, Juliana; COSTA, Cynthia; QUEEN, Mariana. Música na escola. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/musica-escolas-432857.shtml>. Acesso em: 12 de junho de 2011.

EDUKBR, site. História Disponível em: <http://www.coladaweb.com/pedagogia/a-importancia-da-musica-na-educacao-infantil>. Acesso em: 22 de março de 2011.

LIMA, Sandra Vaz de. A importância da música no desenvolvimento infantil. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/a-importancia-da-musica-no-desenvolvimento-infantil-1863813.html>. Acesso em: 20 de junho de 2011.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. O ensino da música na escola fundamental: um estudo exploratório. Dissertação em Mestrado em Educação, da PUC, Minas Gerais, 2010. Disponível em: www.pucminas.br/teses. Acesso em: 17 de maio de 2011.

MACEDO, Lino de. A perspectiva de Jean Piaget. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_02_p047-051_c.pdf. Acesso em: 24 de abril de 2011.

MELLO, Leila Mara. O movimento do corpo numa concepção atualizada. Disponível em: www.cnpq.com.br. Acesso em: 20 de abr. 2011.

SKALSKI, T. R. A importância da música nos anos iniciais. Disponível em: <http://tatianatcc.pbworks.com/w/page/34256243/TCC-Vers%C3%A3o%20Final>. Acesso em: 25 de abril de 2011.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves. Brincando de música: experiências com sons, ritmos, música e movimentos na pré-escola. Porto Alegre: Kuarup, 2000.

Wikipédia, a enciclopédia livre. História da música. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_m%C3%BAsica. Acesso em: 12 de junho de 2011